

# Narrativas

Espaço do contar

Ano 8 | Número 8 - novembro de 2019





# Narrativas

Espaço do contar

Ano 8 | Número 8 - novembro de 2019

## Sobre a NARRATIVA e o SER

Somos por que contamos? Ou seria o contrário? Talvez as perguntas, postas dessa maneira, não passem de um jogo retórico do professor que abre mais uma edição da Narrativas. É bonito perguntar, leitor, nos aproxima. A resposta, de um jeito ou de outro, também é a mesma: narrar é condição para o ser. Ser qualquer coisa.

Neste ano, os projetos foram diversos, brincaram com a vida em vários estilos e várias épocas. Clássica viagem literária à terra sem limites da prosa e do verso, onde montanhas falam e jovens roubam deuses.

Como velha mania, os projetos discutidos nas oficinas que abriam as manhãs de segunda aqui viraram dossiês.

O primeiro deles, "Vale mais ser romancista?", foi inspirado em reflexão de um dos meus autores do coração e já muitas vezes referenciado neste espaço, José Saramago, ao escrever *A viagem do elefante*. Nele, o escritor constrói um muro em que os tijolos são fatos históricos, mas a argamassa é a literatura. Digamos que o tenhamos ajudado nesta empreitada.

O projeto seguinte, prepare-se, foi "O chamado para a aventura". Are you ready? Das reflexões de Joseph Campbell sobre o monomito, destrinchamos a estrutura clássica de uma boa história de heróis e criamos os nossos. Eu sei, a jornada é longa e o tempo curto, ficamos com o momento em que os protagonistas amarram o tênis e saem de casa, o resto, imagine quem lê.

O terceiro dossiê veio ao som de "Gallows Pole" e de "Scarborough Fair", canções de um passado remoto, não se sabe o quanto – como também não se sabe de todas as bocas que as entoaram. Com "[Aqui] esta história começa..." lembramos que as antigas narrativas ocidentais não tinham autoria individual e que por vezes em cada cidade se conta uma versão diferente. Quais serão as nossas?

Por fim, enfim, temos o velho "O Eu profundo e os outros eus", baseado no grande Fernando Pessoa(s). Que susto bom esse de se perceber muitos.

Agradecemos aos envolvidos com toda a produção e a Mônica Scheer, em especial, revisora-môr desde os tempos mais imemoriais. Sejam juntos e sejam mais. Aproveitem.

**Mateus Bertolino**



## DOS AUTORES

Infelizmente, nem todos os autores optaram por publicar suas viagens literárias, mas, como todo caminho é proveitoso, seguem alguns relatos do percurso vivido.

"A Oficina é muito legal e produtiva. Como não possui nota, nós podemos trabalhar de uma forma mais livre. O trabalho mais interessante foi o do Chamado do herói, que exigiu mais criatividade."

**João Marcos**

"Na Oficina temos a liberdade de expressarmos nossas ideias, criamos nossas próprias histórias."

**Rafaela Viana**

"Nessa aula nós conseguimos nos expressar e ter a liberdade de escrever nossos pensamentos e ideias."

**Bruno Telles**

"Fantástico. Melhor tempo de aula da semana. Fico feliz de ter tido 45 minutos por semana só para criar, escrever e desenhar."

**Fernanda Grillo**

"Com nossos projetos, transmitimos quem somos e o que sentimos no papel, fazendo textos incríveis e diversificados. Uma obra de literatura e nada menos."

**Matheus Sales**

"A Oficina é um tempo de aula incrível. Com ela a pessoa deixa seu mundo habitual e a imaginação pode extravazar e cair no papel. Desta vez, é você quem modela a história e entretém o leitor. Há uma inversão de papéis. O melhor trabalho para mim foi a Chamada para Aventura."

**Callum Rodgers**

"Essa Oficina nos mostrou que conseguimos expressar nossas emoções e sentimentos através dos textos."

**Cauan Esposel**

"Liberdade de expressão. Ajudou na criatividade de minha Pessoa. Mateus construiu uma ótima Oficina."

**João Dias**

"O que eu mais gostei foi sem dúvidas a sensação de liberdade."

**Yasmin Mayumi**

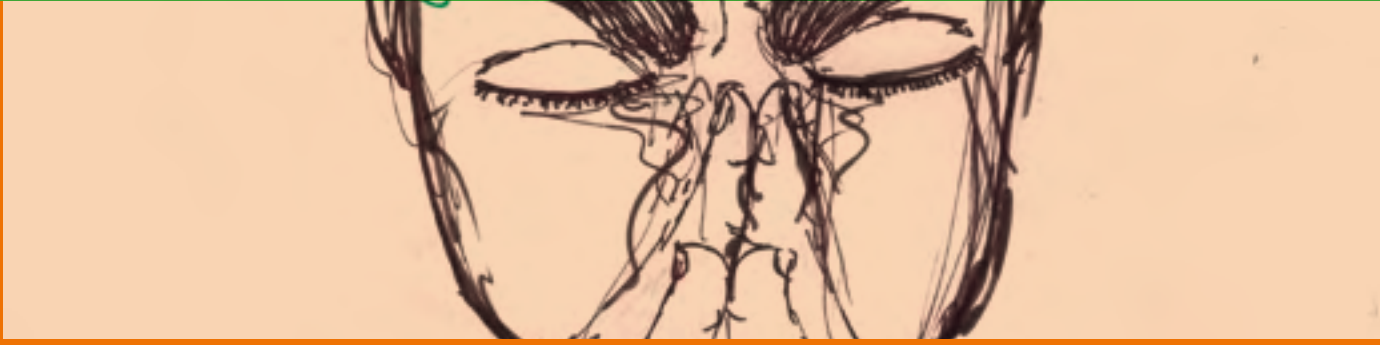
"Na minha visão, foi uma ótima experiência para a gente afinal libertar e aflorar nossa criatividade."

**Júlia Leal**

"Os pensamentos indo além do que imaginávamos no dia a dia, sendo liderado pelo mestre barbudo de cabelos grisalhos. Uma aula que nos fez abrir as portas para a literatura."

**Samuel ("bro") Machado**





**DOSSIÊ VALE MAIS SER ROMANCISTA?**

**6**

**DOSSIÊ O CHAMADO PARA A AVENTURA**

**18**

**DOSSIÊ [AQUI] ESTA HISTÓRIA COMEÇA**

**26**

**DOSSIÊ O EU PROFUNDO E OS OUTROS**

**34**

**EXTRA**

**40**







## DOSSIÊ VALE MAIS SER ROMANCISTA?



*“No fundo, há que reconhecer que a história não é apenas selectiva, é também discriminatória, só colhe da vida o que lhe interessa como material socialmente tido por histórico e despreza todo o resto, precisamente onde talvez poderia ser encontrada a verdadeira explicação dos factos, das coisas, da [...] realidade. Em verdade vos direi, em verdade vos digo que vale mais ser romancista, ficcionista, mentiroso.”*

*“A Viagem do Elefante”, de José Saramago*

A História conta com a verdade, o romance não (mas pode).

Os textos literário e historiográfico por vezes dão as mãos, por vezes brigam. Briga da feia. Não é de hoje, inclusive. Optamos aqui por fazer uma grande miscelânea, da narrativa que parece verdade, mas pode não ser. Da ficção que foi inspirada na História com H maiúsculo, a que alguns chamam de real, produzimos este dossiê.

Seriam vocês capazes de retirar o véu invisível que cobre os relatos seguintes e, por trás da aparente fantasia, perceber a historicidade da imaginação?

Uma difícil missão para aqueles que são escravos do presente e ignoram o quanto somos feitos desses passados tantos.

*“a vida humana não é vivida só no presente, mas no lugar disso, no que chamo de ‘três mundos’: o mundo que é, o mundo que era e o mundo que será. Teoricamente, conhecemos esses três mundos como se existissem separadamente, mas os vivenciamos inextricavelmente ligados e, mais do que isso, cada um destes mundos influencia o outro. Toda descoberta importante sobre o passado muda o que pensamos sobre o presente e o que esperamos sobre o futuro.”*

*“História da Historiografia”, de Rogério Silva*

*Obras de referência: “A viagem do elefante”, de José Saramago / “História da Historiografia”, de Rogério Silva / “O Código Da Vinci”, de Dan Brown / “Em busca do tempo perdido”, de Marcel Proust*

Numa estrela bem distante  
Os planetas bem gigantes  
Começaram a guerrear.

A história é o seguinte  
Se concentra meu ouvinte  
Que agora eu vou contar

Os planetas maiores  
Se implantavam nos menores  
Para colonizar

Mas existiam dois reinos  
Que se formaram há pouco tempo  
E queriam mais terras

Eles fizeram uma aliança  
E chamaram outro mundo do sul de confiança  
Para se preparar

A guerra estava na porta  
Quase nada mais importará  
Eles têm que se fortificar

No lado norte do sistema  
Se formou uma aliança pequena  
Mas já estavam prontos pra disputar

Já no leste, lá no canto  
Um mundinho estava aos prantos  
Querendo seu povo juntar

Mas um pedaço dessa população  
Estava ao Sul no planetão  
E o planeta não os quis deixar

Logo se tornou verdadeiro  
O planetinha do leste assassinou o herdeiro  
E o grandão do Sul foi os atacar



Mas havia um problema,  
O mundinho era aliado, com uma aliança pequena  
E ajuda ele foi chamar

O buraco era mais fundo  
Os planetões que já queriam tumulto  
Encontraram um motivo pra guerrear

A aliança do Norte  
Que já era muito forte  
O planetão do Sul foi atacar

Os amigos do planetão  
Tiveram que ajudá-lo com esse problemão  
E assim fizeram a guerra começar

Após quatro anos de ataque  
Se acabaram os embates  
Mas já já tudo ia recomeçar

**Bruno Telles**

---

## **A RIVALIDADE**

Essa história começou com uma disputa entre duas crianças que tinham uma rivalidade muito grande.

Desde pequenas, elas competiam por qualquer coisa, porém, quanto mais cresciam, suas rivalidades ficavam cada vez mais perigosas, pois começaram a envolver suas famílias e amigos.

A cada ano que passava, o ódio e as ameaças entre eles ficavam mais fortes, mas nenhum dos dois tinha a coragem necessária para atacar, pois temiam o que poderia acontecer. Cada um deles recebia apoio de suas famílias e de alguns amigos.

A situação estava ficando muito tensa, até que, em um momento, um dos rapazes acabou sofrendo um acidente e perdeu a vida e, por conta disso... se encerrou a grande rivalidade.

**João Marcos Nogueira**

## POR TODA ANDRÔMEDA

### Diário de bordo, dia 1:

A tensão entre Galifrey e Nêmesis, dois planetas nos limites da galáxia de Andrômeda, aumentou, entre ameaças e mais ameaças de ataques nucleares e desenvolvimento de armas de destruição catastrófica. A população dos dois planetas vivia mais tensa e apavorada, principalmente pelo motivo de nenhuma arma sequer ter sido usada.

Resolvemos juntar um grupo de pessoas dos dois planetas que está disposto a acabar com essa guerra de uma vez por todas, são pessoas que estão dispostas a até se sacrificar por seus povos e famílias.

Depois de nosso grupo estar completo e liderado por mim, Arya de Galifrey, com mais quatro pessoas, Bob e Selena de Nêmesis, Laura e Nick de Uriel - este último um planeta que ficava próximo e que também estava sendo afetado por essa guerra de ameaças frias, nos reunimos para decidirmos os próximos passos.

### Diário de bordo, dia 2

Organizamos, enfim, uma expedição para Uriel, na esperança de conseguirmos armas e suprimentos para entrarmos em Galifrey e descobrir o motivo dessas ameaças.

Laura e Nick nos guiaram pela cidade onde nasceram, mostrando como essa guerra a havia afetado. Pelas ruas, famílias sem casa e sem dinheiro, passando fome, animais mortos em cada canto.

A economia de quase todo o planeta quebrou, pois se baseava 50% dela no comércio com Nêmesis e Galifrey. Laura levou Bob, o nosso atirador, para ver quais armas levaríamos para nossa expedição da semana seguinte, e Nick me levou junto com Selena para comprarmos os suprimentos. Saímos e fomos para a nossa nave serenity09, que estava camuflada na floresta mais próxima da cidade, e embarcamos. Preparamos nossas coisas e fomos em direção à Galifrey, que, até onde sabemos, foi o planeta que primeiro ameaçou Nêmesis.

### Diário de bordo, dia 10

Acabamos de chegar em Galifrey, meu planeta natal, e começamos nossa investigação fazendo perguntas para as pessoas que encontrávamos nas ruas. Depois de várias e várias perguntas para várias e várias pessoas, questionando se elas sabiam o motivo dessas ameaças terem começado, o mesmo nome de um possível culpado surgia em todas as entrevistas e esse nome era Alistair Krei, um ditador poderoso de Nêmesis.



As pessoas sempre falavam que essa guerra havia começado, porque o ditador ameaçou destruir Gallifrey inteira em razão da população ter votado contra a decisão de Nêmesis poder explorar matéria-prima em nossas terras. Então, por vingança, Alistair Krei começou a desenvolver armas poderosas contra Galifrey e quase todos os dias sua tecnologia evolui. Meu planeta natal não teve escolha além de ter que revidar com o mesmo veneno.

### **Diário de bordo, dia 27**

As ameaças continuaram intensas de um planeta para o outro. Minha equipe entrou em serenity09 e nos retiramos de Galifrey na esperança de descobrirmos uma solução para acabar com tudo.

Depois de mais de 15 dias tentando decidir o que fazer, a solução estava diante de nossos olhos, mas não queríamos aceitá-la... nós tínhamos que assassinar Alistair Krei de um jeito ou de outro.

Preparamos um plano que vai acontecer daqui a dois dias: Alistair vai dar uma audiência à imprensa, em que revelará a nova arma poderosa que está desenvolvendo há anos e que finalmente está pronta. Bob vai ficar posicionado em um prédio que fica em frente onde Alistair estará, Selena e Laura irão criar credenciais de repórteres falsas para que, se algo de errado, nós possamos estar perto para terminar a missão. Nick ficará a postos para fugirmos e eu vou ficar armada ao redor e pronta para qualquer coisa.

### **Diário de bordo, dia 29**

Estamos prontos para dar início ao plano. Fomos direto para Nêmesis. Todos ficamos em posição e só estávamos esperando Alistair Krei chegar.

Alistair chegou e começou a fazer o seu discurso, anunciando sua arma: uma bomba atômica muito poderosa que, além da explosão, libera um veneno mortal que se espalha por milhares de quilômetros. Assim que terminou, o povo não conseguia acreditar em uma coisa tão poderosa e, antes que abrissem a boca, ele fez uma ligação e disse que ia nos mostrar o poder que Nêmesis tinha agora, revelando uma filmagem ao vivo da metrópole mais famosa de Gallifrey. Simplesmente apertou um botão que tinha em uma maleta e a bomba foi ao ar bem atrás dele. A filmagem foi assustadora, a cidade inteira foi destruída em um piscar de olhos e Gallifrey não teve nem a chance de revidar, já que essa bomba chegou mais rapidamente que um raio, como... como uma pessoa poderia fazer algo tão horrível desse jeito?! Foi isso que eu pensei antes

de olhar para o Bob e ele praticamente ler os meus pensamentos, foi quando deu um tiro certo na cabeça de Alistair, livrando todos daquele sorriso monstruoso.

A população que estava ao redor entrou em desespero, enquanto os seguranças atiravam contra o prédio no qual Bob estava. Selena e Laura se levantaram e começaram a atirar contra os seguranças, até que Bob desceu do prédio e conseguiu fugir com Nick.

Eu e as outras meninas não fomos embora de uma vez, primeiro elas direcionariam as câmeras dos repórteres que fugiram desesperados do local de tiroteio para que eu fizesse um discurso para o povo de Nêmesis e Gallifrey:

“Povo freeda e povo nemesiano! Esse foi o resultado de coisas horríveis que Alistair Krei fez.

E isso vai acontecer com qualquer um como Alistair, aqui em Andrômeda. Fiquem sabendo então, seus monstros, que eu e meu grupo estamos indo atrás de vocês, repensem suas atitudes. Isso que aconteceu foi vingança para todo um povo que estava em uma cidade do planeta Gallifrey e que morreu hoje com esse desastre, então comemorem, povos de toda Andrômeda, nós estamos indo atrás de seus monstros!”

Se esse discurso vai mudar alguma coisa eu não sei, mas eu sei que nós não vamos desistir até cumprirmos a nossa promessa.

O nosso grupo ainda vai livrar esse povo do mal que nos cerca e nunca vamos desistir.

**Matheus Sales**

---

## UM BLOCO CONGELADO

Em um prédio, viu-se a mais nova disputa com o antigo síndico. Vlade estava no poder fazia décadas, Cleiton chegava no prédio com novas ideias, influenciadas por sua moradia na Europa.

No prédio há três influentes blocos, do 1º ao 6º andar, só tem os moradores que tendiam ao síndico conservador, apoiando Vlade que já influenciava esse grupo há muito tempo, assim, neste bloco todos os votos eram garantidos.

Do 7º ao 12º, reinava a dúvida: havia aqueles que apoiavam o síndico, já outros gostavam muito do concorrente, assim num salto, a batalha se equilibra. Do 13º ao 18º viviam aqueles que apoiavam ferozmente Cleiton, um jovem iluminado, que trazia ideias novas com as quais a juventude se identificava. Alguns dias antes da eleição, na portaria, Vlade se encontrava perplexo com as novas táticas de Cleiton: ele fazia bolo e entregava para as pessoas, panfletos de sua campanha,



com suas ideais desenhadas e coloridas para as crianças em demonstração de cuidado, como se não houvesse classes dominantes para suas ideias.

Em um ato de puro egoísmo, Vlade atacou de surpresa Cleiton, demonstrando toda a sua irritação. Vlade focava em Cleiton,

esmagava-o com a angústia e a raiva estampada em sua cara. Depois de horas no departamento de polícia, Vlade foi preso e condenado a trinta anos de prisão por agredir e matar um homem.

Assim, aqueles dois opostos acabaram não tendo seu sonho de poder.

João Dias

---

## [DIÁRIOS NÃO POSSUEM TÍTULOS]

**Ano 5241 do calendário cristão.** Há uma grande tensão dentro da União Intergaláctica. O imperador do planeta Engnet, pertencente ao povo espaço-saxão, deseja renunciar à União. É a primeira vez que se encontra uma situação como esta.


O objetivo do imperador é acabar com todo e qualquer laço existente com os outros planetas. O motivo é desconhecido até hoje, mas o que se sabe é que, caso realmente saia, haverá mudanças e consequências drásticas, chegando ao nível de causar caos ao mundo. Em primeiro lugar, o fornecimento de mercadorias médicas e alimentícias enfrentará um processo de importação muito mais controlado e lento, ou seja, seria prejudicial para todos os hospitais, farmácias e mesmo alguns grandes mercados importadores. Em segundo lugar, como se imagina, o custo de importação de produtos intergalácticos aumentaria rapidamente e a imigração e turismo, que mantém a economia de Engnet funcionando, diminuirá. São tantas consequências que nem vale a pena comentar aqui.

Na verdade, a ideia de sair não apareceu recentemente, de todos os oitocentos anos sendo membro, houve vezes em que se questionava: "devemos mesmo ficar?", mas nunca passou disso.

Já se adiou a decisão final três vezes e os líderes da União Intergaláctica estão ficando impacientes (era de se esperar), a ponto de ameaçarem a destruição do pequeno planeta, mesmo que radical demais.

Eu estou cansado disto, sou apenas um professor de ciências aposentado, realmente não sei o que fazer. Tenho medo. Muito medo. Continuar aqui não vá valer mais nada.

Hoje, a UI mandou uma mensagem para nós, dizendo que o problema deve ser solucionado imediatamente, ou uma espécie de "Death Star" será usada no nosso mundo - no fim, somos apenas cobaias do sistema. Isso é algo completamente



estúpido, mas no fundo entendo a frustração deles, agora tudo o que se pode fazer é esperar o imperador AprilTerey dar uma resposta, qualquer coisa serve, mesmo uma mera votação.

Ele só pode estar de brincadeira, nosso famigerado “líder” decidiu que não responderá pelo prazo de uma semana, dizendo que precisa pensar. Estou sem palavras, o que pra mim era uma solução tão simples, para ele parece o oposto. Vejo manifestações todos os dias na rua, tanto dos que desejam sair quanto dos que querem ficar. Sinceramente, estou cansado de escrever neste pequeno diário, já estou velho, não sou o grande escritor que era antigamente, mas diante de algo tão grave como isso, sinto que escrever é quase obrigatório.

Tenho visto pela internet pequenas UNGs (União não governamentais), fazendo petições para a abolição desse plano de bancar o “Darth Vader”. Já assinei umas cinco, mas sei muito bem que isso não vai mudar nada.

[...]

Meu último dia aqui... embora sendo velho, achava que teria mais um tempo de vida, mas como professor de ciências, sei que a morte é algo natural, não é algo que se precise temer tanto depois de ter uma certa idade. E aproveitando, como faz sol, vou dar uma última olhada em tudo. Meu jardim, minha rua, meu bairro, tudo aquilo que encontro todos os dias normalmente. Encontrei uma senhora com quem nunca tive coragem de falar, estava cuidando de suas flores (como sempre fazia). Ela me disse que imigrara para Engnet fazia 38 anos, me fazendo sentir envergonhado e culpado, por nunca sequer lhe dar um “oi” ou algo do tipo. E agora estamos aqui, nos falando no último dia de nossas vidas.

Então, acho que terminamos por aqui, foi declarada a eliminação total, em parte por terem inveja pelo fato de termos “conquistado” metade do universo (melhor que matar). Tudo que me resta são três horas, então vou tomar meu último chá. E não, não pude sair do planeta, já que os espaço-portos foram fechados... Adeus... Não, acho que adeus ficaria muito clichê... Esquece, acabou m-...

**Callum Rodgers**

## A SEGUNDA GUERRA NINJA

Depois da Guerra Ninja, as vilas derrotadas tiveram que pagar uma quantia de dinheiro inimaginável, limitaram a quantia de shinobis de seus exércitos... e a mais prejudicada foi a Vila do Sete, pois ficou afundada em uma crise gigantesca.

Enquanto os perdedores decaíram, os vencedores se modernizaram, criaram armas de expansão de chakra, com jutsus já programados, e as mais beneficiadas nesse processo foram a Vila do Galo, a Vila do Norte e a Vila da Pátria. Como a Vila do Sete estava devastada, eles precisavam de um líder, alguém que os representasse, então apareceu Looser, que quebrou o trato de limitação e formou um exército ninja gigantesco, e as vilas do Galo e a da Pátria não impediram por causa da Vila da Vodka e seu kage Sterling.

O governo de Looser caçava uma religião chamada Dragon Ball, e também caçava todos aqueles que eram contra ele, mas o real desafio seria dominar as outras vilas porque o que ele realmente queria era dominar o mundo.

Conseguiu conquistar muitas regiões,

como a Vila Netherlands e a Polonesa, então, por ter prosperado em muitas batalhas, tentou atacar a mais forte e extensa, a Vila da Vodka.

Contudo, o que ele não esperava era que essa vila contava com um grande ninja que lutava ao seu lado, que já tinha vencido guerras contra até mesmo o poderoso Galo, o jounin Inverno. Looser decidiu atacar na época que esse ninja estava cuidando da vila.

O exército do autoritário Looser não foi suficiente para ganhar, Inverno contava com jutsus de água e de gelo que acabou com o exército da Vila do Sete, então Sterling teve que mandar poucas tropas para acabar com os últimos sobreviventes. As principais vilas, ao perceberem o enfraquecimento do Sete, decidiram atacar. Invadiram seus territórios e ganharam em diferentes partes dele.

Ao perceber a derrota iminente, Looser usou um último jutsu, que foi para se matar. Seu exército lutou por mais alguns dias, mas depois se rendeu. Esse, portanto, foi o fim de Looser e seu exército.

**Cauan Esposel**











Ilustração: Rafaela Viana



## DOSSIÊ O CHAMADO PARA A AVENTURA

*"Mas a decisão não é nossa [disse Gandalf]. Tudo o que temos de decidir é o que fazer com o tempo que nos é dado. E, Frodo, nosso tempo já está começando a ficar negro. O Inimigo está se tornando muito forte. Seus planos ainda não estão amadurecidos, eu acho, mas estão amadurecendo. Será muito difícil para nós."*

*"O Senhor dos Anéis: a Sociedade do Anel", de J.R.R. Tolkien*

A revelação de uma carta misteriosa, o poder de um anel mágico, o aviso de um velho mestre, a chegada de um mago peregrino, acordar cedo e vir à aula. Como uma boa aventura começa?

Neste dossiê aprontamos a mochila com todo tipo de geringonça, de garrafas d'água a sabres de luz e partimos na direção do desconhecido. O antropólogo Joseph Campbell disse em seus escritos que todo mito se parece, tendo os heróis de várias partes do mundo um caminho comum, uma trajetória iluminada pelo mesmo sol. Sendo assim, nos jogamos no Mar Tenebroso da ficção, narrando os primeiros passos de novos heróis, os nossos, nascidos de invencionice pura e legítima.

Se eles amaram, lutaram, morreram, voltaram, venceram... é papo pra outro momento.

Dizem que o que procuramos  
é um sentido para a vida.  
Penso que o que procuramos  
são experiências que nos  
façam sentir que estamos  
vivos.  
Joseph Campbell

*Obras de referência: "The Hero with a Thousand Faces", de Joseph Campbell / "O Senhor dos Anéis: a Sociedade do Anel", de J.R.R. Tolkien / "Harry Potter e a pedra filosofal", de J. K. Rowling / "Dicionário de mitologia clássica", de Constantino Martinez e outros / "Star Wars" (1977), de George Lucas*

## ALÉM DA CASQUINHA DO EMPADÃO

Em uma cidade pequena no litoral do estado do Rio de Janeiro, vivia um garoto de 12 anos chamado Ethan, que morava em um prédio pequeno, porém, com vista para a praia. Ele tinha uma vida ótima e fácil: ia à praia todo dia, estudava de tarde e, embora não tivesse amigos, tinha uma porção de cachorros. Mas o que Ethan mais amava não estava dentro de casa, nem da escola, estava na praia, era a barraquinha de empadão de R\$3,99 do seu Garcia. Todo dia que ele saía ou voltava de casa, comprava empadão, empadinha, tudo o que tinha direito, torrava toda a sua mesada em empadão. Sua mãe brigava com ele todo santo dia, porque ele sempre implorava por míseros trocados a ela para comprar empadão:

— Dinheiro não dá em árvore! - dizia ela - desse jeito você vai acabar me falindo, e ainda por cima passar mal!

— Mas mãe...- começava ele - é por uma boa causa, e tenho certeza que se eu passar mal, ainda vai sobrar dinheiro para pagar o hospital.

— Se continuar assim, o dinheiro não dá nem para o hospital, nem para o enterro!

Era nessa hora que a discussão acabava, pois ele sabia que, se persistisse com sua mãe, ela não esperaria ele passar mal para mandá-lo para o caixão mais cedo. Por outro lado, mal sabia Ethan que sua vida mudaria tão drasticamente, como um belo empadão quando sai do forno.

Um dia, o garoto foi até a barraquinha de R\$3,99 da praia. Tinha algumas moedinhas de cinco centavos que conseguira arrancar do bolso de sua mãe. Não era muito, para quem olha rápido, mas somavam exatamente R\$4,00, o preço de uma empadinha. Então, o garoto observou a vitrine das empadinhas. Demonstrou-se indeciso por um instante e, finalmente, optou pela de camarão. Pediu-a sem azeitona, pois, como sabem, azeitonas estragam a comida.

Pelo menos para ele, aquilo era uma obra de arte: massa farelenta e suave, com casquinha folheada e fininha, com recheio de camarões que antes saltitavam no mar, aquele cabo de guarda-chuva... espera, O QUÊ???

Sentado no banco de pedra da praia, em frente à barraquinha, do nada, sua empadinha explodiu de suas mãos, jogando farelo por todo o chão e, de dentro dela, saiu um homem, que começou a cair lentamente com seu guarda-chuva aberto, mais parecendo a Mary Poppins, mas obviamente sua estripulia não deu certo. Ethan ficou de queixo caído, não pela cena bizarra que acabara de ver, mas sim com o desperdício de dinheiro e sua empadinha em mil pedaços no chão. Assim que o homem fechou seu guarda-chuva, ele já começou o piti:

— Ô, moço, o que é isso?? Essa empadinha custou dinheiro, e você mandou ela para o espaço!!

— Como sabe que eu vim do espaço? - respondeu o homem desconhecido - eu sei, eu sei, tudo parece muito estranho pra você, eu entendo, eu pedi para o Pedro do Peru conectar o teletransporte em um sorvete, uma batata doce, uma jaca, mas não... enfim, o equilíbrio da comida no universo precisa de você, Ethan.

— Você vai me pagar uma nova - disse ele com um ar meio infantil - tão douradinha e quentinha quanto a outra.

— Ei! Eu estou falando de um assunto interplanetário aqui, vê se presta atenção! Ai, caramba, isso não estava nos planos...

Para agradar o homem confuso, fingiu demonstrar interesse:

— Está bem, está bem: Oh, meu Deus!! Um maluco que saiu da empadinha e vai me pagar uma nova! E ele sabe meu nome! Uau! Quem é você??

O homem recomposto com a pergunta, respondeu:

— Eu sou Gaspastel Dekeijo, um dos guardiões do equilíbrio da comida no universo, e preciso de sua ajuda para restaurar o equilíbrio da comida no universo. Com certeza não vou te pagar nenhuma empadinha!

— Vai sim!

— Sério mesmo que não vai perguntar nada? Que tipo de criança é você? Isso tá fora do script.

— Perguntar o quê?

— Sei lá, o porquê de precisarmos da sua ajuda fora do planeta talvez...

— Ah, entendi: Ohh!! É mesmo??? Caramba!! Mas por que precisam de mim fora do planeta??

— Para derrotar o Homem Empadão, o homem da massa e do camarão.

— Uia, não conheço, mas já quero conhecer. Ele tem Instagram?

— NÃO! Ele é o Homem Empadão, não tem tempo para essas baboseiras terrestres!!

— Ahh...

— E até porque ele não é do tipo que distribui abraços e empadões por aí, ele é um



ex-guardião do equilíbrio da comida mundial, mas sua ganância por empadão fez com que ele criasse o Canhão Empadãoador para empadãoazar o mundo.

– Diga isso rápido 10 vezes.

– ...

– Tá, parei.

– Enfim, ele foi expulso da liga, mas anos mais tarde, jurou vingança dizendo que o mundo seria da empada, ele roubou o Canhão Empadão na... é... o canhão, e agora quer completar seu plano maligno e transformar o mundo em um grande empadão.

– Eu topo - disse Ethan, sem hesitar.

– O QUÊ?

– Cara, tem empadão envolvido na história. Eu quero ir.

– Mas você pode morrer!

– Com empadão.

– Ficar com excesso de carboidrato.

– Com empadão.

– Ser empadãoazado.- Com empa...não, assim já está óbvio demais... espera, não era pra você me convencer?

– Ops, é mesmo, vou ligar o teletransporte.

– Como funciona?

– Bate os sapatinhos e repete: “Não há lugar como o lar”.

– Sério?

– Não, zoeira. Segura nessa empadinha aqui.

Uma contagem regressiva começou em voz alta.

5.4.3.2.1. e enfim 0. E lá se vai mais um gordinho feliz, ao encontro do seu destino. Este é só o começo de uma aventura empadônica.

**Fernada Grillo**

Agora contado como cheguei até aqui, vamos voltar ao presente. Recebo o resultado hoje mesmo e não aguento mais esperar - e acredito que vocês também não.

Fui cumprimentado na sala por ninguém menos que Tom, o gato valente que não caçava nada. Fazer o quê, pelo menos ele é fofo. Após alimentá-lo, era minha vez. Fiz uns ovos mexidos e bacon e pus em cima de uma torrada. Embora seja uma delícia, ficar mais tradicional é impossível.

Durante o banho que sempre tomo de manhã, ouvi algo do lado de fora da casa. Parecia alguém me chamando, justamente agora quando meu clímax com a água quente havia chegado. Terminei o banho correndo, vesti uma roupa tão estranha que apontariam para mim na rua, mas eu não ligava, queria ver o que estava acontecendo.

A cena com que me deparei foi um tanto quanto ridícula. O carteiro havia deslizado a carta por baixo da porta, já que não possui caixa de correio nem nada. Porém, Tom pegou e acabou rasgando uma parte da pobre coitada da cartinha. Eu, enfurecido, empurrei-o para o lado com meu pé e

peguei o papel com uma violência que nem mesmo eu desejara. Felizmente, ainda era possível ler o conteúdo.

Comecei a ler a carta... logo pensei que deveriam estar zoando comigo, só podia ser. Alguém comentou sobre como deve ser divertido pregar uma peça em mim e todos concordaram rindo do pateta que sou. É a única possibilidade. Após um longo texto inútil para ser descrito, estava ali declarado que eu era o comandante da missão. De verdade, para mim bastava ser aceito, mas ser um comandante... nem sei se tenho neurônios suficientes para isso. Dizia no papel também que deveria encontrá-los no dia 21 de julho. Dali a dois dias.

Minhas emoções durante esse tempo foram de certa forma confusas. Ao mesmo tempo em que sentia uma felicidade extrema, sentia um pouco de desespero. "E se for verdade? Se eu for realmente o comandante?". Se fosse, uma responsabilidade gigantesca seria despejada sobre mim sem mais nem menos. Porém, não posso fraquejar. Se é essa a decisão final da missão, eu vou seguir em frente e me preparar para ter no mínimo condições de suportar tal fardo.

**Callum Rodgers**

---

## O TEMPO QUEBROU

No ano 300X, um tempo incompreensível para humanos, a Terra encolhe mais uma vez.

Cientistas malucos fizeram um experimento que ficou conhecido como "A Quebra". Na tentativa de compreender as dimensões do tempo, eles fizeram uma máquina de portais interdimensionais. O experimento deu errado e dividiu o espaço-tempo em 26 dimensões nomeadas respectivamente pelas letras do alfabeto. Nada faz sentido

---

nesses mundos, a história e o espaço humano são diferentes e não funcionam direito.

Na linha temporal X, os egípcios e os chineses antigos estão em guerra por recursos. O mundo está encolhendo e tem bocas demais para comer. Faltam 54 horas para o próximo encolhimento, dizem que o vilarejo de Jotolam vai ser consumido pela barreira.

Cerca de 51 horas depois, a grande barreira começa a fechar. Muitas das famílias do vilarejo já foram embora. A família Matoso ainda está lá, eles estão procurando a filha caçula, Jucala. O filho mais velho deles, Calanis, estava por sua vez procurando a irmã dele e se recusava a ir embora. Quando ele acha finalmente a irmã, é tarde demais, os dois são consumidos pela barreira.

Os pais estavam em lágrimas, achando que tinham perdido seus dois filhos. Mas quando eles menos esperavam, Calanis saiu da barreira com Jucala nos braços. Em volta dele, havia uma aura que impedia a corrosão temporal de afetá-lo.

Calanis sempre foi um bom menino, sempre ajudava na fazenda dos pais e nunca desejou poder. Ele fazia partes dos Tranquitos, um grupo de pessoas que não queria se meter nas guerras dos egípcios e chineses.

Ele sabia que essa habilidade iria transformar sua vida para sempre, porém ele não queria isso. Sabendo que seus pais iriam levá-lo ao sábio, fugiu e se escondeu à noite, enquanto a família dormia.

**Bruno Telles**

Mais uma manhã calma no vilarejo de Hammy,.

Cleiton levanta, pega seus materiais para preparar sua plantação. Meredith, sua mulher, prepara uma ótima refeição. O dia está radiante, o céu está esplêndido, é mais um dia de verão.

O dia se torna noite, as horas passam

rápido, o tempo não para. Do pasto até sua casa, sem mais nem menos, Cleiton vê sua residência ao longe... em chamas.

Mais ao longe de sua casa ainda, Cleiton observa que dois homens correm em direção à floresta mais próxima. Dois homens com tatuagens de uma gangue nativa da região.

Cego de vingança, Cleiton corre.

**João Dias**

## UM MUNDO DESCONHECIDO

Wilson era um garoto de 16 anos que morava em Old Town, uma grande cidade dos Estados Unidos. Apesar de viver relativamente bem, indo para a escola e tendo sempre comida em casa, Wilson tinha problemas em sua família. Seu pai o havia abandonado e ele vivia com sua mãe e seu irmão mais novo. Por ser o filho mais velho, ele ajudava a sustentar a casa.

Após um entediante dia de trabalho, Wilson arrumou suas coisas e foi a caminho de sua casa, passando pelo mesmo beco de sempre. Porém, dessa vez ele percebeu que alguém o seguia, parecia um ser muito pequeno que se escondia toda vez que Wilson olhava para trás. Com medo, Wilson apertou o passo e, quando ia sair do beco, aquele ser pulou a sua frente, forçando-o a dar alguns passos para trás. Ele era uma espécie de anão, com orelha pontuda, braços desproporcionalmente longos e pés muito grandes. Aquele ser olhou para Wilson e falou que precisava de sua ajuda, pois sua aldeia havia sido atacada, Wilson não entendeu nada e com voz de medo perguntou de onde aquele ser havia vindo. O ser respondeu:

- Me chamo Arak, venho de Tarot pedir piedosamente por sua ajuda.
- Onde fica Tarot? – perguntou Wilson.
- Em uma dimensão diferente dessa em que você vive. – respondeu Arak.
- E como nós chegamos até lá?
- Há um portal aqui nesse beco, atrás daquela lixeira azul.

Wilson acabou aceitando ajudar Arak, pois já estava cansado de sua vida difícil e repetitiva. Ele pediu que Arak o esperasse, foi até sua casa, arrumou sua mochila com roupas e alguns biscoitos, escreveu uma carta para sua mãe e seu irmão mais novo, dizendo que os amava e dando adeus. Então Wilson voltou ao beco e seguiu Arak até o portal. Nesse momento, iniciou-se a maior aventura de sua vida.

**João Marcos Nogueira**









## DOSSIÊ [AQUI] ESTA HISTÓRIA COMEÇA



*"Hangman, hangman, hold it a little while  
Think I see my friends coming  
Riding a many mile  
Friends did you get some silver?  
Did you get a little gold?  
What did you bring me my dear friends  
To keep me from the gallows pole?"*

*"Gallows Pole", Autoria desconhecida*

Para alguns, deus do fogo, para outros, da música, há quem diga também que da beleza. Em qual Apolo você acredita? Um grego antigo talvez dissesse que depende da pólis em que você vive. As histórias mitológicas, não estranhe, não eram tão canônicas assim.

Muito do que se conta não se sabe quem contou primeiro ou até quem primeiro alterou aquela nota dissonante, vírgula teimosa, letra repetida. Costume dos antigos – de época em que pouco se escrevia –, contar, cantar e narrar ao redor de uma fogueira, praça pública e mesa de jantar.

Aqui, cada história é uma e nenhuma. Combinamos personagens, tempo, espaço, mas não enredo. Seríamos os novos gregos? Mergulhamos na gênese das narrativas populares de tempos atrás, quando a voz de muitos virava fábula ou canção de dormir.



Quadro "Peasant Life", do Pieter Brueghel - 1559

*"Are you going to Scarborough Fair?  
Parsley, sage, rosemary and thyme  
Remember me to one who lives there  
For once she was a true love of mine"*

*"Scarborough Fair",  
Autoria desconhecida*

*Obras de referência: [músicas variadas]*

## A DOENÇA DO VENDEDOR

Essa história começa na Grécia Antiga, durante a invenção das primeiras escritas.

Heitor era um plebeu grego que tinha um pequeno comércio de especiarias, de onde arrecadava todo o dinheiro que precisava. Certo dia, um homem quis comprar 1kg de pimenta do reino, mas não tinha dinheiro, então trocou sua gata, Ágata, pela especiaria. Heitor voltou muito feliz para casa, com seu novo animal.

Após alguns meses trabalhando com sua nova gata, Heitor começou a se sentir um pouco mal, estava doente, porém como não tinha muito dinheiro, não pôde procurar ajuda. Por conta de seu problema, não pôde trabalhar, pois sentia muitas dores, então começou a observar que sua gata se coçava muito. No outro dia, ao acordar, viu um carrapato saindo de sua gata e logo associou aquele aracnídeo a sua doença.

Outro dia chega, e Heitor já se sentia um pouco melhor. Foi trabalhar e lá encontrou o homem que trocou Ágata pela especiaria. Perguntou seu nome, ao que respondeu se chamar Ícaro. Rapidamente Heitor lembrou de que meses atrás um surto de carrapato matou uma família, deixando somente um sobrevivente, que se chamava justamente Ícaro. Heitor então perguntou se era o mesmo da história e ele respondeu que sim e que, por isso, trocou a gata, porque ela causara o surto.

Meses depois, Heitor foi encontrado morto em sua casa, por causa da doença conhecida como febre maculosa. Ágata nunca mais foi vista, assim como Ícaro.

**João Marcos Nogueira e Luiz Eduardo Lemos**

Há muito tempo, na cidade Grega de Agenon, tudo estava bem, o reino se encontrava em paz e o povo vivia satisfeito com seu rei, porém, em um dia como outro qualquer, o rei Robinon morreu, deixando o trono para seus três herdeiros. Heitor, o primogênito, Ícaro, o guerreiro, e Ágatha, a esperta.

Embora Heitor fosse o primogênito, Ícaro era bem mais aclamado pelo povo, devido aos seus inúmeros feitos heroicos. Já Agatha, tinha o apoio de políticos importantes e mantinha seus negócios

ativos com pessoas que deveriam ser evitadas.

Por mais que todos estivessem insatisfeitos com a situação da coroa, as vidas pareciam correr normalmente. Heitor seria rei e não tinha nada para se fazer, por outro lado, numa noite, Ícaro voltava de uma missão. Chegando em seus aposentos, viu sua esposa traindo-o com seu irmão. Ícaro ficou perplexo, não sabia como reagir, num ato raivoso saiu do reino prometendo vingança contra Heitor.

Os irmãos entraram num duelo monárquico, valendo a honra e a própria vida. Aconteceria nos portões do castelo uma gigantesca batalha, mas Heitor com medo de perder, propõe um luta corpo a corpo. Enquanto os homens se preparavam para a batalha, Ágatha, a

maliciosa, contratou assassinos de aluguel para matar seus irmãos. E seu plano ocorreu exatamente como planejado, Heitor e Ícaro haviam morrido.

Com a morte de seus irmãos, Ágatha se tornou a primeira rainha de Agenon.

**Bruno Telles, Fernanda Grillo e João Dias**

## ÍCARO & ÁGATHA

Por entre as cidades de Atenas e Esparta, havia um grande e famoso esportista, o maratonista Ícaro, para ser mais exato. Este maratonista era o jovem ateniense mais famoso na Grécia Antiga. Havia durante a Olimpíada uma maratona ordinária com todo o povo reunido, menos duas pessoas: Ícaro e Ágatha.

Ágatha era a rainha de Esparta de quem todos sonhavam em ficar próximos. Ela era casada com Heitor, o rei ex-soldado, cuja presença silenciava multidões. Mas, no final daquela maratona, chegou a hora de Ícaro receber seu prêmio e ser parabenizado pelo casal real - e principalmente pela rainha, que o amava. Ela se casara com Heitor contra sua vontade. Sua família se aproveitou de sua beleza e a fez casar com o rei, para sair da péssima situação financeira.

A esposa do rei não pôde conter mais seus sentimentos por Ícaro. Na verdade, ambos já se conheciam desde pequenos e o amor que estava prestes a se formar foi interrompido, por isso, decidiu procurá-lo. Aproveitou um momento quieto em seu majestoso lar e saiu pela janela. O jovem ateniense deveria estar treinando, como de costume, pensou Ágatha.

Finalmente, se encontraram.

Encararam-se por alguns segundos, depois se abraçaram às lágrimas. Cinco minutos mais tarde, estavam tendo uma conversa romântica. Ambos já sabiam que um gostava do outro e, como todo primeiro encontro, foi uma longa e satisfatória conversa. No fim, a poderosa rainha disse que queria vê-lo novamente, então definiram uma ágora próxima como local.

E assim foi. Encontraram-se discretamente, vestidos de uma maneira que não os reconheceriam, e foram em diferentes lugares para evitar suspeitas. Porém, não foi o suficiente. Um amigo de Ícaro flagrou ambos em um intenso encontro de lábios. E para



a infelicidade dos mesmos, o fato foi enviado a Heitor, que, se sentindo traído, ordenou execução imediata do maratonista.

Ícaro não podia aceitar isso, ter seu destino nas mãos de uma pessoa que não tinha nenhuma relação. Propôs à sua amante uma fuga, para sua cidade natal, Atenas. Ágatha ficou relutante por um momento, mas acenou com a cabeça indicando aprovação.

Sendo um dos maratonistas mais vitoriosos, fizeram o trajeto em apenas um dia. O jovem tinha certeza de que, em Atenas, seriam bem recebidos. Tinha certeza... foi o que pensara. Ao aproximar-se dos gigantescos portões principais, uma série de rajadas de flechas foi atirada em sua direção, atingindo, acidentalmente, Ágatha. Esta não havia sido a ordem de Heitor, que estava lá antes, pois percorreu com um cavalo veloz.

O maratonista parou imediatamente e a observou procurando algum sinal de vida, preocupado demais com ela. E para sua euforia, ainda se sentia um fraco e lento pulsar cardíaco. Mas perdeu muito tempo ali, ao virar sua cabeça, se deparou com uma flecha vinda em sua direção.

**Callum Rodgers, Rafaela Viana e Yasmin Mayumi**

## MORTAIS NO OLIMPO

Fazia 10 dias desde os rumores de que os antigos deuses gregos deixaram de ser parte da crença do povo.

Agatha, menina de 16 anos, e seu irmão Heitor, de 19, estavam planejando um roubo no famoso Olimpo, no monte de mesmo nome, mas somente tendo por base as lendas e os velhos contos – pois ninguém realmente tinha chegado ao topo. Além de ser coberto de nuvens e neblinas, todos que tentavam subir não voltavam mais. O plano era simples: subir até o topo, atravessar os portões, subir até a casa mais alta onde vive Zeus, o deus dos deuses, e roubar joias e tudo de valor que encontrassem para poder sair da miséria e viver a vida como sempre quiseram. Não ter mais que viver de furtos, aquele, seria o último.

Organizaram suas coisas, bolsa, comida uma tenda e modos de fazer fogo. O plano quase não tinha chances de dar certo, mas não tinham nada a perder, pois quase passavam fome e tiveram que roubar em dobro para poderem comprar os suprimentos para a viagem impossível. Havia um gosto pelo perigo e o desconhecido.

A escalada durou 3 dias. No primeiro, chegaram à metade da montanha. No segundo, ficou mais difícil e eles foram mais devagar, os ventos cortantes não os favoreciam. Já no terceiro, o clima os "abençoou", a subida foi rápida e direta e, no fim, bem à noitinha, chegaram. Mas ao chegar ao topo, perceberam um campo onde, ao fim, viram o que as

lendas contavam: os portões celestiais demarcavam o lugar de uma cidade incrível que só podia ser de deuses, tão linda que eles sabiam que só poderia ter sido feita por Hefesto, o deus contrutor. Mas a beleza da cidade também tinha seus perigos, já aos portões avistaram as famosas deusas que os protegiam, conhecidas como deusas Estações, e aos seus pés centenas de corpos de pessoas que, com certeza, haviam tentado entrar na grande cidade do Olimpo.

Então os irmãos tiveram uma ideia: um atrairia as deusas e outro entraria pelos portões para seguir com seu roubo. Ágatha decidiu que iria entrar na cidade e que Heitor iria atrair as deusas e descer o monte novamente, pois não tinha outro modo de escapar delas. Seguindo com a decisão, Ágatha seguiu pela cidade roubando e furtando das grandes casas, porém parou e decidiu voltar, uma vez que sabia que não tinha tempo, as deusas iriam voltar para os portões. Pegou tudo que tinha em sua

visão que era de valor, guardou em sua mochila e saiu da cidade incrível (que curiosamente admirava), para no fim encontrar seu irmão.

Quando chegou aos portões, as deusas ainda não estavam, mas seu irmão estava à vista, então ela correu para se apressar comele. Por outrolado, quando atravessou as grandes portas, seu irmão pegou uma espada que tinha no chão perto dos cadáveres e enfiou no peito de sua irmã e ela, com a velocidade que estava, se jogou aos braços de seu querido irmão, e disse "Por quê?", ao que ele respondeu "Elas me obrigaram". Atrás da muralha do lado dos portões apareceram as grandes deusas guardadoras, as Estações.

Surgiram lágrimas ao Ágatha olhar para uma das deusas, a tristeza se transformou em ódio quando a irmã pegou sua adaga e enfiou no pescoço de Heitor, quando caíram enfim no chão. Naquele breve momento sabiam que com os grandes e poderosos não se mexe.

**Matheus Sales e Samuel Machado**

---

## ROUBANDO OS DEUSES

Não mais que de repente as águas do lindo oceano de Poseidon se levantaram e todos os habitantes de Aries ficaram assustados com o que estava acontecendo.

Entre todos os curiosos, Agatha era a que mais parecia interessada; seus olhos brilhavam em ver as claras e puras águas, os diversos peixes e principalmente o castelo do deus dos mares.

Agatha e todos levaram um grande susto com o barulho e os tremores no chão, todos acharam que era o raio de Zeus, e que o deus estava bastante irritado – o barulho não assustou apenas a garota, como também a seus dois irmãos, Ícaro e Heitor.

Os garotos acordaram muito assustados, afinal ninguém gostaria de acordar com esse barulho estrondoso.

– O que foi isso? - perguntou Ícaro.

– Eu não sei, mas acabou com o meu belo sono - respondeu Heitor.

– Calma, meninos, isso não é alguma coisa comum, isso é algo que nem eu, nem vocês e nem ninguém de Aries já ouviu. Mas olha, preciso que vocês não se assustem com o que vou dizer. É o seguinte...

Neste momento a fala de Agatha é interrompida por um choro vindo da sala, era a mãe das crianças que lamentava não ter dinheiro suficiente para poder pagar um tratamento para sua doença, que poderia matá-la.

Eles eram muito pobres e não tinham dinheiro para cuidar da doença. Enquanto Ícaro e Heitor pensavam como iriam arranjar este dinheiro, Agatha estava da janela encantada com o reino de Poseidon. Enquanto isso, já circulava um boato no vilarejo que se ouvia ao longe de que Poseidon e Zeus estavam em guerra.

Agatha chamou os irmãos e disse que teve uma grande ideia: aproveitar enquanto Zeus e Poseidon estão em guerra para pegar algum pertence de cada um deles e vender.

Primeiro, os irmãos não concordaram com este plano, mas, diante da pobreza e do desespero de ajudar a mãe, todos acabaram concordando. Combinaram de Ágatha roubar Poseidon, Heitor roubar Zeus e Ícaro ficaria em casa cuidando da mãe adoentada. No dia seguinte, os irmãos saíram bem cedo de casa, porém... Ícaro, muito teimoso, foi tentar roubar Hades, mesmo que o combinado fosse para que ele ficar em casa.

Heitor começou a subir as escadas, demorou muito, mas tão logo chegou, foi capturado. Entregue para Zeus, ele implorou misericórdia e disse que só estava fazendo isso para salvar sua mãe que estava muito doente, e que eles não tinham o suficiente para cuidar dela, ao que o deus dos deuses disse que pouparia a vida dele, contudo não de sua mãe. Heitor acaba por aceitar.

Ícaro esperou os irmãos saírem de casa para sair também. Pegou um livro, que estava guardado há anos, que mostrava como chegar no reino de cada divindade, ele não tinha certeza se ia dar certo, mas ia tentar mesmo assim. Foi para uma caverna e começou a descer quando encontrou um barco que o levou até o Rio das Almas.



Ícaro remava com muito cuidado, porque, se ele se desequilibrasse, morreria naquelas águas. Entretanto, para sua surpresa, como numa espécie de encanto, viu o reflexo de sua mãe e acabou caindo.

Agatha saiu de casa determinada a conseguir algo para salvar sua mãe. Ela esperou as pessoas saírem de perto do reino de Poseidon, correu e entrou no castelo, e só quem estava lá era Poseidon, que distraído não notou que Agatha roubou o seu tridente. Chegando à casa Agatha encontrou sua mãe morta, Heitor, que a tinha em seus braços, contou que trocou sua vida pela da mãe. Agatha, com ódio, matou Heitor com o tridente roubado. No mesmo momento, como consequência por um mortal usar objeto tão poderoso, raios saíram do tridente e mataram Agatha, sepultando assim toda a família.

**Ana Julia Barcellos, Cauan Esposel e Júlia Leal**

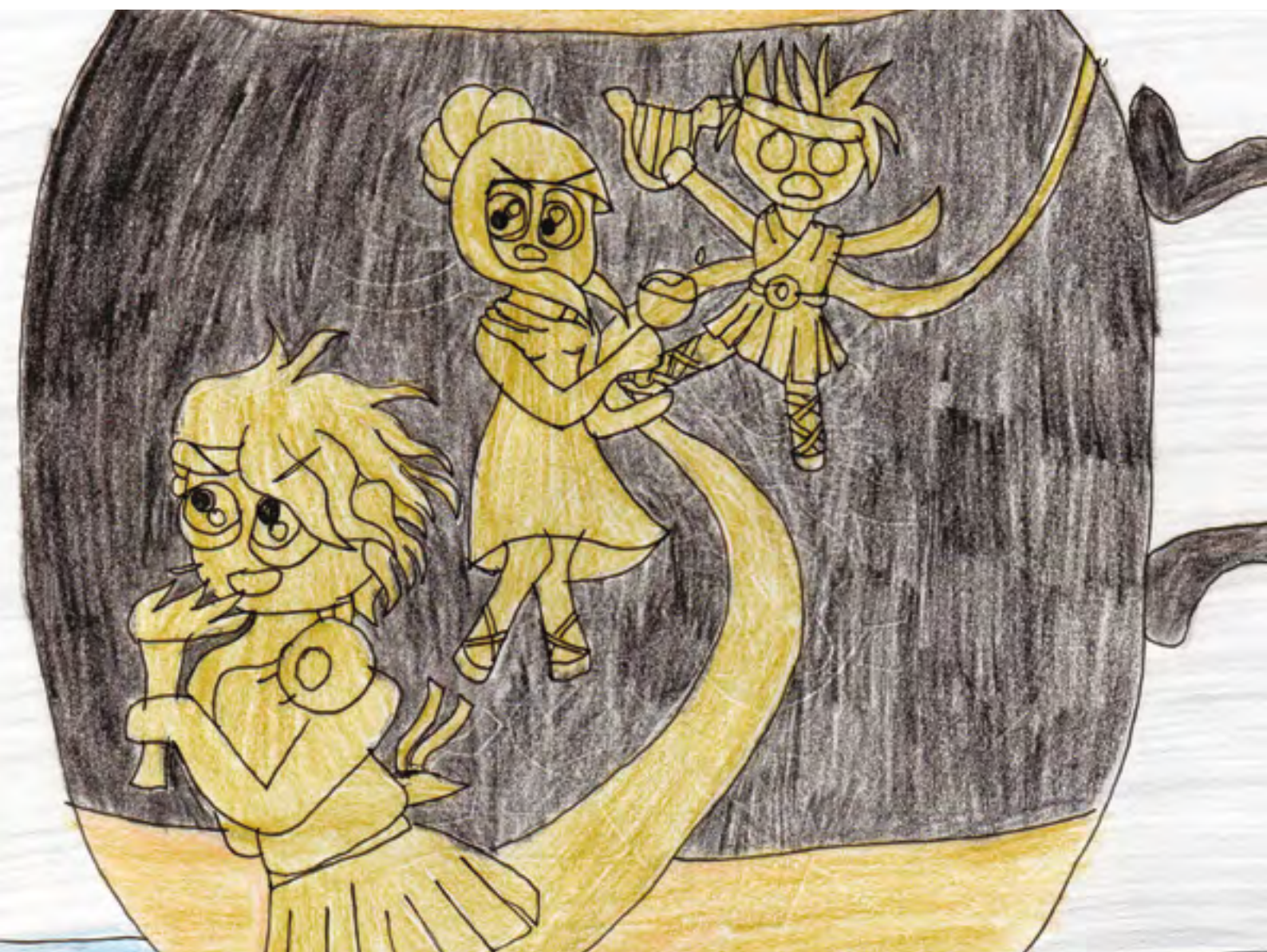






Ilustração: Rafaela Viana

## DOSSIÊ O EU PROFUNDO E OS OUTROS EUS

*"Sê plural como o universo"*

*Fernando Pessoa*

Quantas almas temos? O poeta Fernando Pessoa respondeu esta questão ao longo de sua obra, sem deixar para nós, aflitos leitores, uma mensagem definitiva. Seus heterônimos, outras personalidades criadas dentro de si, tinham nomes, histórias e angústias que nos fazem imaginar ao menos cem homens vivendo no íntimo do poeta.

Em carta a um amigo, Pessoa comenta sobre a criação de todos eles:

*"Graduei as influências, conheci as amizades, ouvi, dentro de mim, as discussões e as divergências de critérios, e em tudo isto me parece que fui eu, criador de tudo, o menos que ali houve. Parece que tudo se passou independentemente de mim. E parece que assim ainda se passa."*

Se fôssemos outros, quem seríamos? A lírica pessoana nos convidou a mergulhar no oceano de nós mesmos, encontrando novos "eus"... nossos heterônimos. Aqui se apresentam alguns, esperamos que gostem de conhecê-los.



Obras de referência: "Cancioneiro", "Livro do desassossego", "Poesia completa de Álvaro de Campos", "Poesia completa de Alberto Caeiro", "Poesia completa de Ricardo Reis", de Fernando Pessoa / "O ano da morte de Ricardo Reis", de José Saramago

## A MONTANHA HIEPIK

A montanha Hiepiik começou sua ascensão na Cordilheira do Himalaia em 2.723.542.069 a.C. Atingiu sua altura máxima de 7.427 metros em 15.542 a.C. Hoje em dia, já diminuiu bastante, seu pico se encontra a apenas 7.096 metros do chão.

Durante sua vida, viu muitas coisas interessantes, como o início da vida terrestre, mudanças climáticas extremas, o início e o fim dos dinossauros. Mas, de longe, o mais interessante foram os homens e suas construções.

Coincidentemente, Hiepiik atingiu sua altura maior mais ou menos quando os humanos começaram a se desenvolver. Isso lhe garantiu um ponto de vista vantajado, que lhe permitiu ver a influência humana na Ásia, Europa, Oceania e um pedaço da África. Para montanhas, o tempo passa de um jeito muito único e diferente. Mil anos podem ser como horas ou segundos, depende do que acontece ao redor delas. E em toda sua existência, o tempo nunca tinha passado de forma tão lenta como na era dos humanos.

Encantado com suas casas, histórias e guerras, começou a escrever poesias, refletindo sobre os atos e decisões dos humanos. Hoje em dia, muitos xepas leem suas poesias e histórias, ninguém sabe como elas chegaram em suas mãos, mas todos sabem de quem é.

---

## OUTRO EU

Como se começa um texto contando sua vida? Vou primeiro falar sobre a semana passada, quando descobri que não tenho muito tempo, pois tenho uma doença que na verdade é muito comum (para a minha idade), chamada auzheimer, sim eu sei que descobrir que ter auzheimer não é ir a óbito mas em breve vou esquecer quem eu sou vou esquecer de minha família e da minha vida, então tenho que escrever isso contando o que aconteceu antes que esqueça para ninguém ter de contar o que vivi em meu lugar.

Nasci em 1956, no Rio de Janeiro, fui criado pela minha tia após meus pais

morrerem em um acidente de carro em 61, quando tinha apenas 5 anos, minha tia sempre teve muito dinheiro porque possuía uma grande quantidade de restaurantes no Rio de Janeiro e em São Paulo. Nunca fui feliz, minha tia sempre me tratou mal e nunca gostou de mim, na escola sempre sofri bullying e meu desempenho nas matérias piorou muito, então acabei repetindo de ano o que me fez fugir de casa me levando a São Paulo (nunca mais voltei pra casa) sem emprego e com apenas 16 anos vivia nas ruas fazendo mágica para me sustentar e principalmente porque alegrar as pessoas me distraía da infelicidade que havia em



mim. Mas isso mudou com uma coisa, eu conheci a mulher da minha vida chamada Laura a mulher mais bela que já tinha visto, depois de nos casarmos parece que tudo começou a dar certo quando consegui um emprego, acho que numa livraria e linda me contou que estava grávida de gêmeos: Pedro e Gabriela.

Os criei do melhor jeito que pude mas Gabriela nunca foi uma pessoa boa como eu ou como sua mãe, ou como eu, e quando os dois completaram 17 anos Pedro e Laura morreram mas não me lembro como acho que foi algo como como um acidente de carro, tenho quase certeza. Minha vida tinha perdido o sentido aí me lancei em uma depressão que durou, acho que dois anos, também não me lembro. Minha filha me desprezou e me abandonou após se casar com um homem rico, nem mesmo no casamento fui convidado.

Um asilo me abrigou depois de eu perder meu emprego, e a única coisa boa que me aconteceu depois da Morte de minha esposa foi a descoberta de que eu tinha netos, quando meu genro os levou para lá me contando pois nem isso eu soube, na verdade não soube nada da vida da minha filha depois que ela me abandonou. Meus netos são as criança os mais lindas e divertidas que conheci, felizmente não puxaram a mãe que nem chorar com a morte do irmão e da mãe chorou.

Depois de conhecer meus netos eu descobri o auzheimer e agora estou escrevendo isso para contar a minha vida a qualquer um que leia. Sei que não é uma vida cheia de aventuras mas fui muito feliz e também triste, mas nunca deixei de amar e ser gentil mesmo durante a depressão, sempre aproveitei os pequenos momentos porque a vida é cheia deles, e são incríveis

---

Admito, não sei bem por onde começar. Encontrei este pequeno caderno no sótão de minha casa, onde, por algum motivo, nunca me dominou a vontade de lhe fazer uma visita. O caderno em si, além de ter dimensões pequenas, é antigo, mas sua capa, embora peculiar, é bonita.

Talvez eu faça algum proveito do achado e o utilize como um "diário poético". Talvez o use apenas como um caderno de anotações comum. Ou não, não sei, argh. Sempre fui indeciso e durante minha vida, de certa forma privilegiada, tal característica gerou diversos problemas. Aos sete anos, para o prazer do maldito destino, meu voto em uma boba decisão de turma acabou se tornando o "voto-chave", para acabar com o empate, me deixando mais nervoso que menino apresentando uma garota ao pai. Fugiu, e para meu arrependimento, isso apenas agravou o meu mico quando fui obrigado a retornar.

Não sei o porquê de eu estar escrevendo isto, acho que, no fundo, é uma maneira de soltar tudo.

Esquecimento também é algo para anotar, visto que esqueci de avisar duas coisas. Tenho dezenove anos e eu e minha família somos japoneses. Porém, saímos do Japão por problemas na fábrica na qual meu pai trabalhava. Então, nos mudamos para a África do Sul, onde ficava outra base da gigantesca multinacional, que provavelmente tinha foco nos países emergentes.

**Tokumei no Sakusha**

---

### PEQUENO DESABAFO

Emoções são de fato, complicadas, ora entendo, ora não. Até este breve momento, o complexo avanço entrópico não me forneceu um “desabafador” vivo, apenas material. Com toda esta carga que sufoca meu próprio mundo, novamente a indecisão me alcança. Não sei se deságuo na pauta musical, ou no grafite da lapiseira. Para que não se crie a tristeza de um, escolho ambos. Será que é o correto, diante de tanta euforia dos cegos que não enxergam meu conflito? Não sei, e a complexidade de tal sentido me faz apenas deixar de lado.

Recordar. Sinônimo na língua portuguesa de lembrar. Para se lembrar de algo, outra ocorrência é indispensável: o esquecimento. Quantas coisas será que perdi no lago memorial? Quantas coisas

será que estão já velhas, no fundo do lago, e quantas coisas ainda flutuam com todo o esplendor abril? Estímulos. Os mesmos estímulos ligados ao sistema que nos dá a consciência, são grandes ou pequenos barcos que nos ajudam a pescar as lembranças, algumas já deterioradas pela culpada água, outras, ainda sobrevivem firme e forte na superfície, observando com mágoa nos olhos aqueles que um dia já boiaram. Embora surpreendentemente, existem pequenos barcos com força de vontade, que desencadeiam as mais profundas memórias, sejam as mesmas ruins ou boas. Desde o parceiro que nos acompanha por momentos indefinidos às viagens com outras cabeças, determinadas com mais ou menos lembranças em seu único lago memorial.

**Tokumei no Sakusha**

---

Oi, me chamo Petroski, nasci da mente de meu mestre, Jaime Chupinha, um grande escritor brasileiro. Sou polonês, trabalho como barman em um bar aqui da rua, nos meus tempos livres escrevo alguns poemas, amadores, claro, pois ainda não dominei a arte da escrita como gostaria. Na época da segunda guerra mundial, fui muito perseguido, pois sou judeu, só não fui morto porque consegui fugir a tempo. Durante minhas fugas das tropas nazistas, produzi alguns poemas. Muitos deles foram baseados em minha difícil vida, resistindo à violência alemã. Nos dias de hoje, moro

no Brasil, e estudo a arte de escrever com meu professor Jaime Chupinha. Jaime foi quem me ensinou o idioma, especificamente o português brasileiro. Hoje vivo de uma forma calma, sem problemas e feliz.

Cześć, nazywam się Petroski, urodziłem się z umyśłu mojego mistrza, Jaime Chupinha, wielkiego brazylijskiego pisarza. Jestem Polakiem, pracuję jako kelner, w barze ulicznym, w wolnym czasie piszę wiersze, oczywiście amatorów, bo jeszcze nie opanowałem sztuki pisania. Podczas II wojny światowej byłem bardzo prześladowany, ponieważ byłem Żydem, nie zostałem zabity tylko dlatego, że udało mi się uciec na czas. Podczas mojej ucieczki przed nazistowską armią opublikowałem kilka wierszy. Wiele wyprodukowanych wierszy opierało się na moim trudnym życiu, opierając się nazistowskiej przemocy. Obecnie mieszkam w Brazylii i uczę się poezji u mojego nauczyciela Jaime Chupinha. Jaime nauczył mnie portugalskiego, w szczególności portugalskiego brazylijskiego. Dzisiaj żyję spokojnie i jestem szczęśliwy.

---

## CORLEONE

Me chamo Pietro Corleone.  
Sou um italiano que reside nos EUA.  
Minha família chegou aqui em 1939.  
Viemos para fugir da guerra.

Nós trabalhamos em diversas áreas.  
Porém, ninguém sabe que a maioria  
Do dinheiro que ganhamos vem da máfia,  
Somos os temidos Corleone.

Minha mãe faleceu há anos,  
Meu pai vive no passado e a cada dia  
Perdemos mais dinheiro e influência.  
E eu que não queria, tive que entrar para essa vida.

Sinto falta da Itália,  
Falta da nossa vida de ruas tranquilas,  
De ir tomar gelato.  
Naquela época, não tinha medo de nada.

Eu só tenho medo,  
Coragem muito me falta.  
Oh minha amada família!  
O que eu faço? Dê-me um sinal.





*Pintura: Evening rain in London, por Vladimir Lutsevich*



## EXTRA

Voltei, caro leitor. A surpresa é boa, garanto. Acontece que durante nossas aventuras literárias, o grande Callum Rodgers, nosso aluno, resolveu se alongar um tanto e um livro começou a nascer. Nascimento bonito de ver. Vocês terão a oportunidade de contemplar o primeiro capítulo e um trecho do segundo. É só um gostinho mesmo, para o deixarmos ansioso.

Passo, orgulhosamente, a palavra ao nosso autor. Um dia vocês lerão a mesma descrição na orelha de uma publicação, tenho certeza. A literatura é inevitável:

Callum Lima Rodgers é um aluno do 9º ano da escola Aldeia Curumim, na qual estuda desde os quatro anos de idade. Houve um projeto na oficina, uma *"chamada para aventura"*, onde o aluno deveria criar uma história justamente na parte em que o *"herói"* ou protagonista sai de seu mundo habitual para embarcar na jornada. Porém, o aluno em questão decidiu continuar a história, criando até então o livro de (até agora) 5 capítulos, chamando o mesmo de *"O Limite do Abrangente"*.



## Capítulo 1

Acordei. São sete horas da manhã, meu despertador não desiste de tocar. Abro as cortinas, vejo crianças do lado de fora saindo de seus apartamentos e indo para a escola, provavelmente um dia normal para todos, mas não para mim. Deve fazer mais ou menos uma semana que fiz uma entrevista à Agência Aeroespacial Europeia e a princípio receberia meus resultados hoje. Espero de verdade que seja aceito. Preparei-me por muito tempo até este dia, desde que soube disso.

Tenho quase certeza de que fui bem no dia, me apresentei bem arrumado, aluguei um terno barato com um velho amigo meu, tomei um copo de Nescau (pode parecer infantil, mas gosto mais que café. Detesto café) e após me despedir do gato que tinha, não que ele me desse muita atenção, saí com uma grande confiança. Pedi um táxi até Londres, onde é a base da agência. Meu transporte chegou até que rápido, já tinha até me acostumado com uma natural demora deles.

O caminho até lá não teve muito de especial, era apenas a paisagem natural de uma cidade, prédios, ruas, casas, construções. Conversei um pouco com o taxista, ele me perguntou aonde iria, não achei que ele precisasse saber, mas para ser simpático falei que ia ver museus e esses pontos turísticos londrinos. Felizmente ele acreditou e ficou em silêncio durante o resto da viagem.

Cheguei lá um pouco adiantado. Depois de pagar ao motorista, tive de andar durante uns oito minutos até a entrada, onde parei para contemplar a arquitetura esplêndida. O formato era um tanto quanto peculiar, parecia que a base e o local de lançamentos eram a mesma coisa, o que me intrigou bastante, até que ouvi uma voz atrás de mim.

— Precisa de algo, meu jovem? — Era uma bela mulher, meia-idade, salto-alto e vestido. Presumi ser a secretária, já que, pelo que soube, cada funcionário tinha um uniforme específico (e para variar, o dela era chamativo).

— Acho que não, quer dizer, depende — falei rapidamente — você é a secretária desse lugar?

— Sou eu mesma — disse com um sorriso.

— Bem, estou aqui para a entrevista da Missão AW.

— Missão AW? — ela parecia surpresa — Sem querer ofender, mas não é novo demais para algo desse nível? Esta missão vai requerer coragem e habilidades jamais vistas.

— Olha, quem decide isso é o diretor – falei irritado, não era a primeira vez que ouvi isso, meus amigos sempre diziam o mesmo, embora um ou outro me apoiasse. Mas vou provar que consigo.

— Muito bem então. – seu sorriso foi diminuindo provavelmente pela maneira que falei – Se é o que deseja, entre logo.

Assim que a porta se abriu, tive a mesma sensação de quando se entra num aeroporto: uma atmosfera fria e seca do ar condicionado, o local bem limpo e com cheiro de produto de limpeza.

— Creio que o diretor chegue em pouco tempo, peço que não saia desta área até ele decidir aparecer. – foram suas últimas palavras antes de se retirar. Estava tão nervoso e animado com tudo que, quando menos se esperava, já estava sendo chamado novamente. Eu não sei se era eu ou o dia parecia corrido.

— Acredito que você deva ser o Sr. Rodgers, não? – olhei para trás, era um homem alto, intimidador, mas parecia simpático por seu tom de voz – Eu sou Daren Rotfield, o diretor desta sede tão incrível em que se encontra agora.

— Prazer, senhor Rotfield, realmente estou maravilhado com o lugar, parabéns a você e sua equipe.

— Lhe garanto que o melhor ainda está por vir, venha comigo, e se quiser perguntar algo, não hesite, posso lhe contar tudo o que quiser, quer dizer, ao menos quase tudo – eu sendo o típico eu, não pude deixar de ficar curioso com esse ar de mistério que ele lançara.

Segui-o por bastante tempo, passamos por várias áreas com diferentes especializações. Havia o local onde se testavam os trajes espaciais, outra da montagem de peças que me pareciam ser de um foguete, tudo bem elaborado, como esperado. Prosseguimos adiante após algumas pausas para explicações, até me ver de frente para uma porta de metal pesada, onde uma placa dizia: "Authorized Only". Confesso que me assustei um pouco, mas logo percebi que, com o diretor ao meu lado, nada poderia acontecer.

— Vamos. – disse rapidamente enquanto abria a porta. De repente, me encontrei numa sala escura, mas clara o suficiente para enxergar o que tinha dentro. Uma mesa, uma cadeira, um quadro, me pareceu um escritório. De longe, vi mais outras duas pessoas, sentadas em um sofá velho.



- Bom dia, – cumprimentei-os alegremente – também farão a entrevista?
- Já fizemos. – um deles respondeu como se fosse o pior dia de sua vida. Não pareciam ter a menor vontade de falar comigo.
- Hum. – gesticulei impacientemente e logo alguém mais entrou e falou algo que não consegui ouvir, e, sem dizer nada, os dois que estavam sentados saíram do local.
- Agora é sua vez, – disse o diretor para mim – vamos lá, qual seu nome completo?
- perguntou enquanto procurava por um papel e uma caneta.
- Edward Leah Rodgers.
- Educação?
- The University of Cambridge.
- Fala quantos idiomas?
- Quatro: português, inglês, espanhol e francês, quase todas línguas latinas e comuns. No futuro quero aprender talvez mandarim ou japonês.
- Entendi, bem, é mais que o suficiente para nós – disse rindo.

E assim foi. Uma série de perguntas comuns e outras pessoais. Então, no fim ele agradeceu e disse para aguardar minha vez de fazer o teste. Fiquei imaginando o que estaria por vir, já que Sr. Rotfield não podia me dar mais informações sobre. Aguardei ansiosamente por algumas horas, sorte minha que trouxe meu Nintendo Switch, não fazer nada num escuro daqueles seria a coisa mais entediante.

Houve uma batida na porta e o mesmo cara de antes apareceu. Como da outra vez, ele e Rotfield conversaram sobre algo que não pude ouvir e, quando sinalizaram, sabia que estava na hora.

Logo antes de sair perguntei rápido:

- O salário paga bem?
- A ponto de ficar rico! O dinheiro vem tanto do governo quanto de bilionários querendo investir em nós.

Como seria bom ser aceito... nunca mais ficar naquele lugar minúsculo. Mas agora

não era tempo para divagações. Tinha que seguir em frente.

Caminhei com a pessoa até outra porta exatamente igual a do escritório. Poderia facilmente me perder naquele lugar enorme e com portas parecidas. A pessoa que me guiava logo disse:

— Entre aí, e prepare-se... – com isso me deu uma roupa um pouco estranha – Vai precisar disso.

— E para quê, exatamente?

— Você verá.

No momento em que entrei na sala, vesti o uniforme que me deram, era bem largo e meio pesado, mas até que de alguma maneira confortável. Havia uma cadeira na minha frente, sentei nela só por sentar mesmo, mas não esperava que os cintos fossem se afivelar automaticamente.

Segundos depois, pude perceber que estava num simulador de força G, não sei se é bem esse o nome, mas senti que estava cada vez mais sendo puxado para baixo. Funciona mais ou menos assim: uma estrutura de metal com uma cabine na ponta (onde eu estava) rotaciona ao redor do próprio eixo. E a aceleração da estrutura faz a percepção de uma gravidade mais forte.

Honestamente, eu mal senti a diferença, o comum é a perda da visão colorida e, às vezes, a perda de consciência, mas para minha surpresa, não pude reparar em nada disso. Apenas fiquei com meus olhos fechados imaginando o que estaria acontecendo do lado de fora. Como a aceleração era cada vez maior, fiquei um pouco tonto.

Quando finalmente parou, fiquei um tanto desorientado, mas foi divertido. Daren estava me esperando na saída.

— E aí? – ele parecia bem feliz – Estou surpreso com você, foi muito bem, não posso negar.

— Obrigado senhor, admito que também nem esperava por isso. – ri um pouco não sei por que, mas achei engraçado.

Retirei-me depois, meu dia não poderia ficar melhor. Dei uma última olhada para o prédio, por dentro era uma NASA europeia, por fora era algo que nem tenho o que comentar. Para comemorar, fui tomar um sorvete de chocolate amargo com pedaços de cookie, é bem específico eu sei, mas na sorveteria que vou, sempre tem.

O clima era bom, quer dizer, ao menos para um clima inglês. Camadas de nuvens sem deixar um azul sequer e uma temperatura confortável de 20° C. Eu estava a pé, mas deu para ver que não havia trânsito.

No caminho, encontrei uma bela jovem, devia ter cerca de vinte e três anos, assim como eu. Tentei me forçar a falar com ela, mas logo percebi que ela já possuía uma parceira, então decidi passar direto. Foi uma situação bem aleatória aquela, mas a vida é assim, as oportunidades aparecem espontaneamente e é você quem decide se as aproveita ou não.

Finalmente cheguei à sorveteria, cheia como sempre. Entrei na fila. A pessoa que estava na minha frente falou comigo.

– Acho que te conheço... – disse num tom de dúvida – É você, Ed?

– Karia?

– Eu mesma! – disse toda animada, me dando um abraço – Caramba hein, quanto tempo.

Karia era uma amiga que tive na infância. Seus pais haviam se mudado da Costa do Marfim para a Inglaterra pouco tempo depois de seu nascimento devido a problemas internos. Fazíamos todos os trabalhos juntos, íamos um à casa do outro, e principalmente, tomávamos sorvete na mesma sorveteria.

– Você não tinha ido fazer a universidade lá na Alemanha? – indaguei curioso.

– Eu fui e voltei. Agora sou formada em biologia e daqui a pouco me especializarei em astrobiologia. E você? Se formou em astrofísica?

– Aham, aproveitei e hoje mesmo fiz uma entrevista e um teste para a Missão AW.

– Mentira, você também?

Alguém pediu para ficarmos quietos, realmente estávamos falando alto em um lugar fechado. Pedi o meu sorvete favorito, paguei (relativamente caro) e sentamos numa mesa bem no canto, na janela.

– Você também tentou? – ela perguntou bem baixo, quase como um sussurro para não incomodar ninguém.

— Sim, e acho que fui bem, tipo, na parte da força G eu só fiquei um pouco tonto.  
— Jura? Eu desmaiei naquele negócio, deus me livre. O problema é que tenho que aguentar da próxima, senão talvez não possa ir...

— Ah, não sei, não são muitos que querem se arriscar a este ponto, eles precisam do máximo de pessoas possível, e você é inteligente.

— Entendi, bem, obrigada, vou dar meu máximo da próxima e vamos embarcar nisto juntos. — falou e esticou seu dedo mínimo para mim — Me promete?

- Prometo. — fizemos uma espécie de aperto de mão com nossos dedinhos.

Ambos possuíamos coisas para fazer. Eu tinha que voltar para casa e dar comida para o meu gato, ele sempre se irrita quando demoro. Ela precisava visitar seu bisavô doente no asilo, o coitado estava quase tendo outra visita, com a doce morte. Foi um reencontro curto, mas necessário, com seus conhecimentos de biologia ela ajudaria em questões diria até que de ficção científica, como possibilidades de vida alienígena em outros planetas, entre outros.

Saí da sorveteria ansioso, pensando que minha vida a partir desse ano mudaria de uma maneira que eu nem tenho ideia, será uma jornada e tanto.

Cheguei a casa na hora do almoço mais ou menos (almoço bem cedo), meus vizinhos deixaram uma mensagem debaixo da porta, dizia: "seu gato arranhou todo o nosso capacho, quero um outro igual, entendeu?". Haja vizinho chato, era um casal idoso rabugento que reclamava de quase tudo que via, entendo que é chato destruírem isso, mas exageraram demais.

Peguei o papel e joguei fora sem nem hesitar. Tom dormia no meu sofá, seu lugar preferido em qualquer dia, hora, e ocasião. Chamei-o de Tom pelo desenho animado Tom and Jerry, que assistia que nem um louco quando era criança, o gato corria atrás do rato e o rato era amigo do cão que ia atrás do gato, enfim, uma grande confusão engraçada e animada que alegrava qualquer um.

Chamei Tom, ele olhou para mim por uns cinco segundos e voltou a dormir. Tive de apelar para o meu melhor arsenal, uma pastinha de salmão que nenhum gato resistia. Ele levantou na hora e comeu a comida que coloquei no potinho. Ele era tão fofinho...

Achei estranho o fato de não ter feito nada de mais hoje e querer dormir logo. Selecionei um filme DVD que tinha e embora sempre tenha gostado dele, adormeci já de início.



## Capítulo 2

Agora dito como cheguei até aqui, vamos voltar ao presente já que eu recebo meu resultado hoje mesmo, não aguento mais esperar e acredito que vocês também não.

Fui cumprimentado na sala por ninguém mais, ninguém menos que Tom, o gato valente que caçava lagartixas na parede. Fazer o quê, pelo menos ele é fofo. Após alimentá-lo, era minha vez. Fiz uns ovos mexidos e bacon e pus tudo em cima de uma torrada. Embora a combinação seja uma delícia, ficar mais tradicional é impossível.

Durante o banho que sempre tomo de manhã, ouvi algo do lado de fora da casa. Parecia alguém me chamando, justamente agora quando meu clímax com a água quente havia chegado. Terminei o banho correndo, vesti uma roupa tão estranha que apontariam para mim na rua, mas eu não ligava, queria ver o que estava acontecendo.

A cena com a qual me deparei foi um tanto quanto ridícula. O carteiro havia deslizado o envelope por baixo da porta, já que não possuo caixa de correio nem nada. Só que Tom pegou e acabou rasgando uma parte da pobre coitada da cartinha. Eu, enfurecido, o empurrei para o lado com meu pé e peguei o papel com uma violência que eu nem mesmo desejara. Felizmente, ainda era possível ler o conteúdo.

Ao ler a carta, logo pensei que deviam estar zoando comigo, só poderia ser. Alguém comentou em como deve ser divertido pregar uma peça em mim e todos concordaram rindo em como um pateta eu sou. É a única teoria possível perante o que estava escrito. Depois de um longo texto inútil de ser descrito, declarava-se ali que eu era o comandante da missão. De verdade, para mim bastava ser aceito, mas ser um comandante... nem sei se tenho neurônios suficientes para isso. Dizia no papel também que deveria encontrá-los no dia 21 de julho. Depois de amanhã.

[...]

**Callum Rodgers**



*Pintura: Evening rain in London, por Vladimir Lutsevich*









## EXPEDIENTE

*Apresentação:* Mateus Bertolino

*Revisão:* Mateus Bertolino e Mônica Scheer

*Autoria dos textos:* Alunos do 9º ano/2019 da escola Aldeia Curumim

*Design e Diagramação:* Bernardo Nemer ([www.bernardonemer.com](http://www.bernardonemer.com))

*Capa:* Quadro "Imagem anônima ", Autor desconhecido

*Colaboração:* Mônica Scheer

*Apoio institucional:* Marcelo Cantarino Gonçalves







[www.aldeiacurumim.com.br](http://www.aldeiacurumim.com.br)